

O Catecismo da Igreja Católica ensina que a obra da criação se nos apresenta sob a forma de vestígios do próprio Criador,<sup>1</sup> a fim de a inteligência poder relacionar as coisas visíveis com o invisível. Este contínuo apelo daquilo que nos rodeia à sua causa e sustento, leva o homem a sair de si para deixar-se surpreender e enlevar, através de experiências estéticas que lhe falam no mais íntimo de realidades superiores, metafísicas, transcendentais.

Diversos autores deixaram testemunhos surpreendentes em torno de especulações perante as múltiplas manifestações de Deus, nas suas criaturas. Nesse sentido, há um célebre episódio de Napoleão no qual, certa noite, interrompe uma discussão materialista entre soldados a fim de apontar as cintilantes estrelas do céu e questioná-los: “Vós podeis falar quanto tempo quiserdes, senhores, mas quem terá feito tudo isso?”<sup>2</sup>

Não só diante da magnanimidade da Criação houve reações. Também a ordem e complexidade do Universo levariam Newton, ou mesmo Voltaire, a afirmarem que não há relógio sem relojoeiro,<sup>3</sup> reportando-se à necessidade de um Criador, ainda que envolto em concepções filosóficas distantes da Teologia cristã.

Entretanto, encontramos ainda no homem, em meio ao secularismo de hoje, um conjunto considerável de interrogantes e disposições que o levam a sair de si e ter a capacidade de se maravilhar com os vestígios de Deus.<sup>4</sup> Já São Tomás de Aquino fazia uma interessante reflexão ao considerar o 13º Capítulo do Livro da Sabedoria,<sup>5</sup> servindo-se para isso da seguinte imagem:

---

1) Cf. n. 1147.

2) Cf. BOURRIENNE, Louis. *Memoirs of Napoleon Bonapart*. V.1. [s.l.]: Bibliobazaar, 1891. p. 327.

3) Ver FIORIN, José (org.). *O pensamento humano na história da filosofia*. Ijuí: Sapiens, 2007, p. 261. BANDET, François. *Estará a ciência oposta à Fé?* Lumen Veritatis, n. 6, jan-mar, 2009, p. 70.

4) Ver, por exemplo: JOÃO PAULO II. *Angelus* de 21 de Julho de 1996, ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 27/7/1996, p. 1.

5) Especificamente, as seguintes passagens: “Sim, insensatos são todos aqueles homens em que se instalou a ignorância de Deus e que, a partir dos bens visíveis, não foram capazes de descobrir Aquele que É, nem, considerando as obras, reconheceram o Artífice” (Sb 13, 1); “na grandeza e na beleza das criaturas se contempla, por analogia, o seu Criador” (Sb 13, 5).

Se alguém indo a uma casa e desde a porta fosse sentindo calor e cada vez mais nela penetrasse e mais calor sentisse, evidentemente perceberia que havia fogo no seu interior, mesmo que não estivesse vendo o fogo. Acontece o mesmo conosco, ao considerarmos as coisas deste mundo. Todas as coisas estão ordenadas conforme diversos graus de beleza e de nobreza, e quanto mais próximas de Deus, tanto melhores e mais belas.<sup>6</sup>

Vemos, desta forma, o quanto a beleza pode ser comparada a uma chama. Quem será insensível ao seu calor? Este abrasa e arrebatada, alça-nos a considerações salutares, tira-nos da nossa condição, do “eu”. Esta especulação tinha sido feita por Platão, em *Fedro*, e não foi estranha a Santo Agostinho. O então Cardeal Ratzinger aproveitou os escritos de ambos para comparar o belo a uma flecha capaz de ferir o homem no seu íntimo, para desse modo “lhe conferir asas e o elevar às alturas”.<sup>7</sup> Não será esta uma solução para o mundo materialista e relativista no qual vivemos? Não se apresentará à Igreja como um instrumento preciosíssimo, desde sempre ao seu alcance, quer através da Liturgia, quer através da arte sacra? Mons. Luigi Giussani já o reconhecia ao propor, certa vez, em seus exercícios: “*Noi dobbiamo lottare per la bellezza. Perché senza la bellezza non si vive. E questa lotta deve investire ogni particolare: altrimenti come faremo un giorno a riempire la piazza San Pietro?*”.<sup>8</sup>

“A beleza salvará o mundo”, propôs Dostoiévski,<sup>9</sup> numa frase múltiplas vezes utilizada em variadas reflexões. O próprio Papa João Paulo II citou-a na sua Carta aos Artistas (1999), e o Pontifício Conselho para a Cultura viria a desenvolvê-la no excelente documento elaborado em torno deste assunto, que se intitula *Via Pulchritudinis*, e cuja resenha poderá ser lida na presente edição.<sup>10</sup>

Entretanto, cabe aqui realizar uma importante precisão, de acordo com estes dois documentos: não se trata de qualquer beleza, capaz de salvar o mundo, como se coubesse ao conceito, mesmo com todo seu valor, qualquer força própria e redentora. É para Cristo, “o mais belo dos filhos dos homens”

---

6) AQUINO, Tomás de. *Exposição sobre o Credo*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 27.

7) Publicado em *30 Giorni*, n. 91 (2002). *Messaggio al XXIII Meeting per l'amicizia fra i popoli*. Rimini, 21 agosto 2002.

8) *Esercizi a Varigotti*, 1964. Apud FARINA, Renato. *Ratzinger ricorda don Gius, «mio vero amico»*, *Liberio*, 25 marzo 2007.

9) Ver DOSTOÉVSKI, Fiódor. *L'idiota*. Trad. PACINI G. Parte III, cap. V. Milão, 2005, p. 478.

10) Ver resenha na página 125.

(Sl 44, 3), que o nosso pensamento deve remeter; Aquele em cuja face a glória de Deus resplandece (cf. 2Cor 4, 6).

Encontra-se traçada a pedagógica via que nos conduzirá à fonte absoluta da pulcritude, de onde dimana a relativa, os vestígios, através dos quais aprendemos “quão mais belo que tudo é o Senhor, o próprio autor da beleza” (Sb 13, 3). Escreveu Bento XVI, quando ainda cardeal: “nada há que melhor nos possa pôr em contacto com a beleza do próprio Cristo do que o mundo do Belo criado pela fé, bem como a luz resplandecente no rosto dos santos, através da qual se torna visível a Sua própria Luz”.<sup>11</sup>

É com este intuito que nos propusemos dedicar o presente número ao belo, esperançosos que possa de alguma forma contribuir com nossos leitores, a fim de reencontrarem aquela mesma Beleza, sempre tão nova e tão antiga, cujo hino litúrgico canta:

Beleza donde nasce e se deriva  
Quanta beleza têm as coisas belas:  
Ó beleza incriada, eterna, altiva,  
Invisível em Ti, visível nelas,  
A Ti só louve toda a coisa viva,  
A Terra, o Céu, o Sol, Lua e estrelas:  
E quem Te quiser dar maior louvor,  
Maior parte Te dê do seu amor.<sup>12</sup>

---

11) RATZINGER, Joseph. *A Caminho de Jesus Cristo*. Coimbra: Tenacitas, 2006, p. 45.

12) LITURGIA DAS HORAS – Tempo Comum. 4 ed. Gráfica de Coimbra – CEP, 2001, p. 46.